



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL*

Ulisses Franklin Carvalho da Cunha

A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DA REVELAÇÃO  
HOMOSSEXUAL MASCULINA: um estudo de caso

Palmas – TO

2017

Ulisses Franklin Carvalho da Cunha

A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DA REVELAÇÃO  
HOMOSSEXUAL MASCULINA: um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof. Dra. Irenides Teixeira

Palmas – TO  
2017

Ulisses Franklin Carvalho da Cunha

A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DA REVELAÇÃO  
HOMOSSEXUAL MASCULINA: um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof. Dra. Irenides Teixeira.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Irenides Teixeira

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

---

Prof. Me. Cristina D’Ornellas Filipakis Souza

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

---

Prof. Me. Fabiano Fagundes

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Palmas – TO  
2017

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP /ULBRA

C972e Cunha, Ulisses Franklin Carvalho da

A experiência materna diante da revelação homossexual masculina: um estudo de caso / Ulisses Franklin Carvalho da Cunha – Palmas / TO, 2017.

50 fls.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Irenides Teixeira

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Bacharel em Psicologia.  
Centro Universitário Luterano de Palmas. 2017

1. Experiência materna. 2. Revelação da homossexualidade. 3.  
Luto. I. Teixeira, Irenides. II. Título. III. Psicologia

CDU: 159.9

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo  
CRB 2/1527

Todos os Direitos Reservados – A reprodução parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Este trabalho é dedicado a todas as mães de indivíduos LGBTs que transpuseram as barreiras impostas pelo preconceito e a discriminação e ousaram aceitar, amar e respeitar seus/suas filh@s em suas singularidades existenciais.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Sabedoria Suprema, Arquiteto da Vida e Autor das páginas desta jornada fantástica que é a vida, pela força e pela coragem que todos os dias me destes para prosseguir.

Agradeço a meus pais, Sr. Nilo e Sra. Geneci, que me trouxeram a este mundo, em especial à minha mãe, este ser de luz e de imensa amorosidade, compreensão e sabedoria que sempre me trouxe paz e acalento nos momentos mais difíceis da caminhada.

Agradeço aos meus cinco irmãos: Cássio, Carla Maria, Cátia, Sebastião Cleiton e Ana Caroline pelo carinho, amizade fraternal e parceria de sempre.

Agradeço ao amigo/irmão Marcello Dias, pela amizade, pelo companheirismo e pelo incentivo de sempre.

Agradeço imensamente à minha inspiradora e amada prof. Dra. Irenides Teixeira, pela orientação neste trabalho, pelo seu grande desprendimento em ajudar a mim e a todos os acadêmicos deste curso, por sua amizade sincera, generosidade, por sua paciência e alteridade e a forma humana e compreensiva com a qual conduz a coordenação do curso de Psicologia.

Agradeço aos queridíssimos professores Me. Fabiano Fagundes e Me. Cristina Filipakis, pelas valorosas sugestões neste trabalho enquanto banca examinadora.

Agradeço aos amados mestres da FIESC de Colinas e mais recentemente do CEULP/ULBRA com os quais eu tive a honra de poder aprender sobre esta fantástica ciência que é a Psicologia. Minha eterna gratidão por compartilharem comigo vosso conhecimento. Até o último dia de minha vida terei em mim um pouco de cada um de vocês.

Agradeço aos meus amigos, companheiros de curso, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Especial agradecimento às minhas queridas Maria Helena e Domingas pela fraternidade, afeto e companheirismo de sempre.

A todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, meu muito obrigado! Que o Mestre Jesus derrame bênçãos sobre cada um de vós.

O que vão dizer de nós?  
Seus pais, Deus e coisas tais  
Quando ouvirem rumores do nosso amor  
Baby, eu já cansei de me esconder  
Entre olhares, sussurros com você  
Somos dois homens e nada mais

Eles não vão vencer  
Baby, nada há de ser em vão  
Antes dessa noite acabar  
Dance comigo a nossa canção!

E flutua, flutua  
Ninguém vai poder querer nos dizer como amar  
E flutua, flutua  
Ninguém vai poder querer nos dizer como amar

Entre conversas soltas pelo chão  
Teu corpo teso, duro, são  
E teu cheiro que ainda ficou na minha mão

Um novo tempo há de vencer  
Pra que a gente possa florescer  
E, baby, amar, amar sem temer

Eles não vão vencer  
Baby, nada há de ser em vão  
Antes dessa noite acabar  
Baby, escute, é a nossa canção

E flutua, flutua  
Ninguém vai poder querer nos dizer como amar  
E flutua, flutua  
Ninguém vai poder querer nos dizer como amar

[...]

*Flutua - Johnny Hooker (part. Liniker)*

## RESUMO

CUNHA, Ulisses Franklin Carvalho da. **A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DA REVELAÇÃO HOMOSSEXUAL MASCULINA: um estudo de caso**. 2017. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/ TO, 2017.

Escrever sobre a homossexualidade e as demandas subjacentes a este fenômeno é uma tarefa difícil, complexa e necessária. Apesar do aumento da visibilidade social acerca da homossexualidade nos últimos anos, ela ainda é encarada como um tabu, um assunto velado e muito pouco discutido, principalmente no âmbito familiar, o que dificulta que esses sujeitos experienciem e vivam de forma plena sua sexualidade. O estudo aborda a questão da revelação da homossexualidade quando é orientada para a figura materna. A pesquisa teve como objetivo conhecer/compreender em que se constitui a experiência materna diante desta revelação, verificando ainda se é possível estabelecer uma correlação desta experiência com os cinco (5) estágios do luto (ou de experiências de perda - real ou simbólica - com grande impacto emocional) – negação, raiva, barganha, depressão, aceitação - propostos pela psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross. A pesquisa se define como básica, de natureza qualitativa e exploratória, do tipo estudo de caso. A coleta dos dados foi realizada no Serviço de Psicologia (SEPSI) do Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA, através da utilização de uma entrevista semiestruturada, realizada em três (3) encontros presenciais e individuais com uma mãe de indivíduo homossexual masculino que aceitou fazer parte da pesquisa. Apesar de tratar-se de estudo de caso com um único sujeito, foi possível verificar que houve, de fato, um luto da mãe, no processo experienciado por ela após a revelação da homossexualidade. Deste modo, o estudo contribui para a compreensão deste fenômeno e para a construção de estratégias que visem amenizar o sofrimento que porventura os envolvidos experimentem no desvelar desta condição.

Palavras-chaves: Experiência Materna. Revelação da Homossexualidade. Luto.

### ABSTRACT

CUNHA, Ulisses Franklin Carvalho da. **THE MATERNAL EXPERIENCE BEHIND THE MALE HOMOSEXUALITY REVELATION: a case study**. 2017. 50 f. Course Completion Work (Undergraduate) - Course of Psychology, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2017.

Writing about homosexuality and the demands underlying this phenomenon is a difficult, complex and necessary task. Despite the increase in social visibility about homosexuality in recent years, it is still seen as a taboo, a veiled subject and very little discussed, especially in the family, which makes it difficult for these subjects to experience and live their sexuality fully. The study presented here addresses the issue of the revelation of homosexuality when it is oriented to the maternal figure. The objective of this research was to know/understand what constitutes the maternal experience in the face of this revelation, and to verify if it is possible to establish a correlation of this experience with the five (5) stages of mourning (or experiences of loss - real or symbolic - with great emotional impact) - denial, anger, bargaining, depression, acceptance - proposed by the Swiss psychiatrist Elisabeth Kübler-Ross. The research is defined as basic, of a qualitative and exploratory nature, of the type of case study; The data collection was performed at the Psychological Service (SEPSI) of the Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP / ULBRA, through the use of a semi-structured interview was performed in three (3) face-to-face and individual meetings with a mother of a homosexual individual who accepted to be part of the research. Although it was a case study with a single subject, it was possible to verify that there was, in fact, a mother's mourning, in the process she experienced after the revelation of homosexuality. In this way, the study contributes to the understanding of this phenomenon and to the construction of strategies that aim to ameliorate the suffering that those involved may experience in unveiling this condition.

Key-words: Maternal Experience. Revelation of Homosexuality. Mourning.

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação Americana de Psiquiatria.
CCJC	Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas.
CFM	Conselho Federal de Medicina.
CFP	Conselho Federal de Psicologia.
CID	Classificação Internacional de Doenças.
CNS	Conselho Nacional de Saúde.
CSSF	Comissão de Seguridade Social e Família.
GGB	Grupo Gay da Bahia.
GPH	Grupo de Pais de Homossexuais.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.
SEPSI	Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA.
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 O que é a homossexualidade: de patologia mental à cidadania e respeito.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Homossexualidade: preconceito e revelação.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 A experiência materna e a Teoria do Apego de John Bowlby.....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 Os estágios do luto na perspectiva de Elizabeth Kubler-Ross.....</b>	<b>24</b>
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>24</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>28</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre a homossexualidade e as demandas subjacentes a este fenômeno é uma tarefa difícil, complexa e necessária. Apesar da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 garantir a igualdade de todos perante a lei, a todo o momento diversas pessoas e segmentos da sociedade confrontam-se com o estigma e o preconceito ainda tão presentes em nossa sociedade.

No que se refere ao segmento LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros - segundo um levantamento realizado no início de 2017, pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) - coordenado pelo antropólogo Luiz Mott<sup>1</sup> - 347 LGBTs foram assassinados no país durante o ano de 2016. No ano anterior (2015), por exemplo, o grupo havia contabilizado um total de 318 casos; ou seja, um aumento expressivo de 9,1%. Até a data de 20 de setembro de 2017, a ONG já havia contabilizado um número de 277 casos. Estes dados revelam que as estatísticas de violência contra esses indivíduos adquiriram um patamar nunca antes registrado;

Segundo o relatório<sup>2</sup>, a cada 25 horas um LGBT é barbaramente assassinado vítima da “LGBTfobia” - conceito utilizado pelos estudiosos da causa como sendo genericamente o ódio e/ou a violência contra membros da população LGBT - o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Matam-se mais homossexuais aqui do que nos 13 países do Oriente e África onde ser LGBT é motivo de punição com pena de morte.

O preconceito, a discriminação e a violência orientados para este segmento da sociedade faz com que estes indivíduos vivenciem durante suas vidas diversas situações marcadas pela dor e pelo sofrimento; dentre elas merecem destaque os processos de autoaceitação e de revelação para a família e para os outros, que geralmente é acompanhado por muitas dúvidas e incertezas (MODESTO, 2015; MOTT, 2008; LEVOUNIS *et al*, 2014). Estes fatos trazem para o meio acadêmico e para a sociedade em geral a responsabilidade de se discutir e ampliar o

---

<sup>1</sup> Luiz Mott é um antropólogo, historiador e pesquisador brasileiro, e um dos mais conhecidos ativistas em favor dos direitos civis LGBTs no Brasil. É fundador do GGB - Grupo Gay da Bahia, uma das principais instituições que laboram em prol dos direitos humanos dos LGBTs no país e que compila anualmente o número de vítimas fatais da homofobia, transformando esses dados em um relatório divulgado no site <https://homofobiamata.wordpress.com>.

<sup>2</sup> Estudo disponível em <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>

conhecimento acerca deste segmento da sociedade, ainda tão pontualmente rodeado de tabus, discriminação e pré-conceitos.

Embora seja uma temática estudada e pesquisada por diversas áreas do conhecimento: biologia, filosofia, genética, dentre outros, a maior parte dos estudos acerca da homossexualidade ocorrem no âmbito das ciências humanas e ciências sociais aplicadas, a exemplo da Psicologia. Esta, enquanto ciência que estuda o comportamento do ser humano e suas interações com um ambiente físico e social, não poderia se eximir de tal discussão. Ademais, entre os princípios fundamentais da atuação do psicólogo, encontram-se a promoção da saúde e da qualidade de vida contribuindo para eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

As informações até aqui apresentadas objetivam trazer reflexões iniciais acerca da questão homossexual e dar início aos delineamentos do fenômeno que será abordado nesta pesquisa: a experiência materna diante da revelação homossexual masculina, ou seja, o estudo propôs-se a investigar e/ou compreender o universo de sentimentos e atitudes que constituem a experiência materna diante da revelação da homossexualidade por parte do filho.

Deste modo, a pergunta que norteou a pesquisa foi elaborada da seguinte forma: Em que se constitui a experiência materna diante da revelação da conduta homossexual masculina? É possível estabelecer correlação com os estágios do luto (negação, raiva, barganha, depressão, aceitação), propostos por Elizabeth Kubler-Ross, nesse processo?

A pesquisa teve ainda como objetivo conhecer/compreender em que se constitui a experiência materna diante desta revelação, verificando se é possível estabelecer uma correlação desta experiência com os estágios do luto (ou de experiências de perda - real ou simbólica - com grande impacto emocional) propostos pela psiquiatra suíça Elisabeth Kubler-Ross.

Ao se ponderar sobre as informações elencadas até aqui, especialmente aquela relacionada ao alto índice de violência à qual são submetidos os indivíduos LGBTs no Brasil, há de convir-se que é de suma importância a realização de estudos e trabalhos voltados para a compreensão e acolhimento destes indivíduos, de modo que se construa uma visão mais humana e respeitosa para com este

segmento da sociedade. O conhecimento e a compreensão da experiência materna diante da revelação homossexual podem ajudar na construção de estratégias que visem mitigar o sofrimento que ambos os envolvidos neste processo possam porventura experimentar.

O estudo se inicia com o levantamento bibliográfico acerca da homossexualidade, trazendo um breve histórico e alguns apontamentos teóricos relevantes para a compreensão deste fenômeno. A seguir, ainda dentro deste levantamento, elucida-se acerca da experiência materna, na perspectiva de John Bowlby (1969), e sobre os estágios do luto teorizados pela psiquiatra suíça Elizabeth Kubler-Ross (1998).

Após elencadas as teorias que embasam o estudo, apresenta-se o percurso metodológico utilizado, e por fim, os resultados e discussões, seguidos pelas considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O que é a homossexualidade: de patologia mental à cidadania e respeito**

A definição e o conceito do que vem a ser a homossexualidade sofreu diversas mudanças ao longo do tempo. Sabe-se que a prática afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo não é algo novo no comportamento humano; relatos e pesquisas apontam que essa prática é tão antiga quanto a própria história da humanidade e sempre esteve presente em diferentes sociedades e culturas, inclusive nas civilizações antigas (MOTT, 2003; OLIVEIRA, 2011; MODESTO, 2015; PRADO e MACHADO, 2008).

A homossexualidade experimentou ao longo da história altos e baixos: de comportamento absolutamente natural, passando a ser considerado pecado, castigo, crime, e mais atualmente passando a ser considerado como mais uma expressão natural da diversidade humana (OLIVEIRA, 2011). Todavia, há de convir-se que, embora, tenha assumido essa conotação mais recentemente, o tema ainda é provocador de grande debate e discussões; continua cercado de preconceitos, tabus e estigmas.

Oliveira (2011, p. 19) teoriza que a homossexualidade é uma palavra de conteúdo amplo e que não pode ser circunscrito à dimensão estritamente sexual, referindo-se somente à prática do sexo entre indivíduos do mesmo sexo. Nas palavras do autor, a homossexualidade “é uma forma de ser”; e a relação homoafetiva “é o roteiro de uma trajetória que busca um parceiro ou uma parceira para uma vida em comum”; “(...) é uma convivência”; “(...) é muito mais que mera relação sexual. É relacionamento que supera o sexo”. Portanto, na atualidade, a aceção de indivíduo homossexual projeta-se para além da simples orientação e desejo sexual por pessoas do mesmo sexo: é uma expressão natural da sexualidade humana e, por isso, envolve também afetividade, relacionamentos, modo de ser e existir.

Convém enfatizar-se que tal definição extremamente contemporânea e atual não guarda nenhuma semelhança com as definições e sentidos que por séculos predominaram e reverberam até hoje, muitas vezes de forma velada, no cotidiano da sociedade contemporânea e nos comportamentos e ações direcionados aos indivíduos LGBTs.

Etimologicamente, o termo homossexual, conforme cita Oliveira (2015), foi criado em 1869 pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karl-Maria Kertbeny e deriva do grego *homos* = igual + latim *sexus* = sexo, ou seja, o homossexual é o que define o indivíduo que busca o desenvolvimento de sua sexualidade (em toda sua extensão e plenitude) com pessoas do mesmo sexo biológico que o seu. O termo opõe-se à heterossexual, cujo significado refere-se a indivíduos que buscam relacionar-se com o sexo oposto; conveniente citar aqui que a heterossexualidade tem sido identificada, ao longo da história das civilizações, como a prática sexual normal e natural, logo estaria relacionada diretamente à função biológica da reprodução.

Há relatos históricos que fazem referência à homossexualidade em diversos momentos da civilização; na Roma antiga, por exemplo, a prática homossexual era aceita e praticada com naturalidade; todavia, foi na Grécia que a homossexualidade ganhou mais ênfase, manifestando-se com mais expressividade. Além de estar relacionada com a religião e a carreira militar, estava incluída na mente e físico do indivíduo e era apresentada como um comportamento normal, sem nenhum constrangimento, preconceito ou discriminação; era uma prática livre, comum, aceita pelas leis, pela opinião pública e por diferentes instituições (BENTO e MATÃO, 2012; OLIVEIRA, 2011).

Embora, por longos anos, a homossexualidade fosse aceita pela sociedade greco-romana, com o passar dos tempos e com a ascensão do Cristianismo essa prática sexual passou a ser condenada e considerada uma transgressão aos valores impostos pela moralidade cristã (OLIVEIRA, 2011; MOTT, 2008). Iniciou-se aí um período de intensa perseguição, discriminação e opressão a qualquer comportamento que se desviasse daquele imposto pela igreja cristã; nessa lista de comportamentos inaceitáveis e passíveis de intolerância e violência figuravam qualquer um que estivesse associado à prática sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Desta forma, a partir deste momento da história, à medida que crescia o Cristianismo, a aceitação social das relações homoeróticas foi diminuindo, e passa a ser vista então, como uma perversão, uma anomalia psicológica, e até mesmo um crime, passível a sofrer pesadas repressões; consideradas ameaças à ordem social

imposta, as pessoas homossexuais passaram a ser fortemente discriminadas e a terem seus direitos humanos violados (BENTO e MATÃO, 2012 *apud* RIBEIRO, 2004). Conveniente mencionar que com a ascensão do Cristianismo em outras partes do mundo, todos esses valores, dogmas e princípios rezados por ele o acompanharam.

Foi somente a partir do séc. XX, com os avanços da ciência e a mobilização de movimentos sociais em diversas partes do mundo, que a ideia da homossexualidade como sendo uma doença, patologia da mente ou distúrbio, passa então a ser refutada e inadequada em laudos científicos. A maioria dos países e das principais organizações de saúde como, por exemplo, a Associação Americana de Psiquiatria (APA), em 1973, deixam de classificar essa conduta humana como doença e a retiram da lista da Classificação Internacional de Doenças (CID) (OLIVEIRA, 2011).

No Brasil, a homossexualidade deixou de ser considerada como um desvio da sexualidade somente em 1985, quando o Conselho Federal de Medicina (CFM) passou do código 302.0 que a diagnosticava como desvio e transtorno sexual para o código 206.9 que associava às outras circunstâncias psicossociais (BENTO e MATÃO, 2012). Neste mesmo ano, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), também deixa de classificar a homossexualidade como desvio sexual e esta conduta passou a ser entendida e considerada como uma das muitas manifestações saudáveis da sexualidade humana.

Importante mencionar que em 1999 o Conselho Federal de Psicologia através da Resolução N° 001/99, de 22 de março, estabeleceu normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Conforme a resolução a orientação sexual dos pacientes não deveria ser considerada doença, distúrbio ou perversão – muito menos, algo a ser curado. Dentre as orientações colocadas pelo órgão na referida resolução constava os seguintes artigos:

Art. 1° - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2° - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica (CFP, 1999).

Desta forma a Psicologia, enquanto ciência e profissão, legitima a homossexualidade como uma forma natural de experienciar a sexualidade humana e orienta que toda a categoria profissional assim perceba e oriente suas práticas, livre de preconceitos e discriminação.

Entretanto, mesmo com todos esses avanços e o reconhecimento da homossexualidade, pela Medicina e Psicologia, como uma forma saudável e legítima de viver a sexualidade humana, devido a esses longos anos em que ela foi vista com rechaço e total desaprovação, muitos preconceitos e discriminação ainda fazem parte do cotidiano dos indivíduos LGBTs. O estigma e a marginalização continuam sendo forças poderosas orientadas para esse segmento da sociedade, impedindo que seus direitos sejam plenamente assegurados e que estes sujeitos muitas vezes persistam durante anos a esconderem sua sexualidade por medo de represálias e reações desagradáveis por parte de familiares, amigos e da própria sociedade.

Exemplo emblemático deste processo de estigmatização da homossexualidade ainda presente na atualidade é o projeto de lei PL 4.931/2016, de autoria do deputado federal Ezequiel Teixeira (PTN-RJ). Apresentado pela primeira vez em abril de 2016, e ressuscitado novamente para votação em setembro de 2017, na Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF) e na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC) o projeto 'dispõe sobre o direito à modificação da orientação sexual em atenção à Dignidade Humana' (BRASIL. DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016). Segundo o projeto o Congresso Nacional decreta que:

Art. 1º Fica facultado ao profissional de saúde mental, atender e aplicar terapias e tratamentos científicos ao paciente diagnosticado com os transtornos psicológicos da orientação sexual egodistônica, transtorno da maturação sexual, transtorno do relacionamento sexual e transtorno do desenvolvimento sexual, visando auxiliar a mudança

da orientação sexual, deixando o paciente de ser homossexual para ser heterossexual, desde que corresponda ao seu desejo.

Art. 2º O profissional que atuar em atenção ao artigo anterior, não poderá sofrer qualquer sanção pelos órgãos de classe. (BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS, 2016).

Desta forma, o projeto põe fim à punição do profissional de saúde mental que tratar o paciente com “transtorno de orientação sexual”; reiterando que psicólogos, por exemplo, estão autorizados a auxiliar pacientes numa mudança de orientação homossexual para heterossexual, sem sofrer qualquer punição ou retaliação, por conta do Conselho Federal de Psicologia, revogando desta forma a Resolução de 1999, aprovada pelo órgão.

Seria a homossexualidade um problema psicológico passível de tratamento e cura, ou o sofrimento psíquico vivenciado por esses indivíduos estaria sendo causado devido à homofobia, à agressão verbal e física, oriundos da forma como se lida com a diversidade de expressões da sexualidade, e a intolerância que ainda temos de forma bastante presente na nossa sociedade?

## **2.2 Homossexualidade: preconceito e revelação**

Apesar do aumento da visibilidade social acerca da homossexualidade, sendo retratada e mostrada com naturalidade nas novelas, no cinema, na literatura, dentre outros veículos da mídia atual, ela ainda é encarada como um tabu, um assunto velado e muito pouco discutido, principalmente no seio familiar.

Devido à organização heteronormativa da sociedade, aspecto este construído social e culturalmente ao longo dos séculos, a possibilidade de ter um filho ou uma filha homossexual pouco é cogitada, e quando os pais se deparam com tal situação o choque é quase inevitável, e inicia-se assim um difícil processo e uma luta entre suas concepções pessoais e o amor do (a) filho (a) (HAUER e GUIMARÃES, 2015; MODESTO, 2015).

Um dos maiores problemas enfrentados pelos homossexuais é a própria sociedade em geral: o medo habita nestas pessoas devido ao preconceito existente; antes mesmo de se abrirem com quem quer que seja, geralmente, esses indivíduos lutam com a dúvida, a vergonha, o silêncio e um mundo de incertezas; o que impede que as pessoas homossexuais se sintam confortáveis de exporem sua orientação sexual (MODESTO, 2015; OLIVEIRA, 2011; MOTT, 2008).

Dentre as diversas formas de aversão, preconceito e discriminação contra a população LGBT encontram-se a homofobia individual, cultural e institucional (MOTT, 2008); a homofobia individual é aquela motivada pela simples aversão ou ódio orientada para o indivíduo LGBT por conta da sua condição sexual; a homofobia cultural, segundo o mesmo autor é aquela que se revela nas atitudes sociais negativas das pessoas para com esses indivíduos, tendo origem no machismo e na heteronormatividade, levando os LGBTs à exclusão, marginalidade e perpetuando estereótipos da fragilidade física e social das vítimas, desencadeando uma série de situações e comportamentos como o latrocínio, a agressão, a injúria, os crimes passionais, dentre outros;

Por fim, a homofobia institucional é aquela que se manifesta na omissão das autoridades e das instituições públicas em investigar crimes contra LGBTs, na recusa e mau atendimento das vítimas nas delegacias e postos de saúde, na impunidade dos assassinos, na omissão do legislativo em aprovar leis que equiparem e punam a homofobia como ao crime de racismo, e no veto do poder executivo em promover ações afirmativas que garantam e promovam a cidadania LGBT (MOTT, 2008).

Embora os diversos profissionais de saúde, dentre eles os psicólogos, e demais pesquisadores da área da sexualidade afirmem que a revelação da homossexualidade traga a esses indivíduos maior bem-estar psicológico, aumento da autoestima, redução do stress mental, diminuição de comportamentos de riscos e a autenticidade nas relações interpessoais, muitos indivíduos LGBTs optam por não se assumirem publicamente, pois os custos dessa revelação podem incluir as represálias físicas, psicológicas, o evitamento, a reprovação social e violência (POESCHL *et al*, 2012).

Ao se depararem com a informação de que possui um(a) filho(a) homossexual, inevitavelmente, os planos que haviam sido elaborados pelos pais para aquele(a) filho(a) são desfeitos e surge o medo do julgamento social e divino; “os pais e mães procuram a quem culpar, e há aqueles que acreditam tratar-se apenas de uma fase passageira” (HAUER e GUIMARÃES, 2015, p. 65).

Prado e Machado (2008) relatam que a homossexualidade sempre esteve presente nas mais diversas sociedades e em todos os períodos históricos, mas só

atualmente sua visibilidade é maior. Entretanto, os autores afirmam ainda que é grande o desconhecimento e o desinteresse acerca do assunto e que é este desconhecimento, que se encontra intrínseco ao preconceito social, que acaba produzindo um ciclo de inferiorização, colocando os homossexuais em um lugar de marginalidade e discriminação. Essa discriminação nos impede de ver o que não vemos e o que é que não vemos; essa discriminação social, embasada em valores morais e religiosos de sociedades heteronormativas, repudia qualquer expressão ou identidade sexual que fuja à regra da heterossexualidade, culminando no que se denomina de homofobia (HAUER e GUIMARÃES, 2015).

Considerando-se que a sociedade dita que todo mundo deve ser heterossexual até que se prove o contrário, é comum que pessoas LGBTs adotem posturas heteronormativas a fim de esconderem sua homossexualidade e se protegerem de eventuais situações desagradáveis por conta de sua orientação sexual. Esta atitude, de não se assumir publicamente como homossexual é descrita comumente no meio LGBT como 'estar dentro do armário', o que se opõe à gíria 'sair do armário', usada rotineiramente para se referir ao fato de alguém contar para outra pessoa que é gay (DRESCHER, 2014).

O processo de 'sair do armário' para si mesmo e para os outros é frequentemente evolutivo e lento. É algo frequentemente caracterizado como invariante, uma progressão universal que vai de uma confusão e falta de consciência inicial até uma espécie de síntese e orgulho relacionados à identidade no final (COHEN e SAVIN-WILLIAMS, 2014).

Apesar dos possíveis perigos de se fazer isso, 'sair do armário' é uma experiência com frequência sentida como um processo de integração que serve para afirmar o sentimento de valor do indivíduo. (...) Sentir-se confortável com os próprios sentimentos desempenha um papel importante no desenvolvimento pessoal e psicológico. "Sair do armário" oferece às pessoas LGBTs a possibilidade de integrar uma vasta série de sentimentos antes negligenciados, não apenas sexuais. Uma maior facilidade para expressar os próprios pensamentos e sentimentos, tanto para si mesmo quanto para os outros, produz um enorme enriquecimento na vida, no trabalho e nos relacionamentos de um indivíduo (DRESCHER, 2014, p.31).

Portanto, a revelação da homossexualidade, conforme ponderado anteriormente, normalmente não é algo que acontece em todos os casos de modo semelhante ou obedeça a determinados padrões: cada história e cada sujeito envolvido neste processo viverá este momento de forma singular.

Com relação ao processo de revelação da homossexualidade, não há dados empíricos ou estatísticos que demonstrem ou mesmo apontem quem é, preferencialmente, o membro da família escolhido pelo indivíduo homossexual masculino para ser o receptáculo da revelação, entretanto, alguns estudiosos afirmam que após passarem pelo processo de autoaceitação, normalmente é a mãe a escolhida (COHEN e SAVIN-WILLIAMS, 2014; MODESTO, 2015). Uma das teorias que podem oferecer suporte a essa hipótese é a Teoria do Apego, descrita a seguir.

### **2.3 A experiência materna e a Teoria do Apego de John Bowlby**

Da mesma forma que não há registros consistentes que nos permitem afirmar que é a mãe a figura escolhida para quem será orientada a revelação da homossexualidade por parte do filho, não há estudos que apontem o porquê de ser ela a figura escolhida; porém dado o significado que a mãe possui na integração e desenvolvimento da personalidade dos filhos parte-se do pressuposto de que a ligação mãe-filho e o vínculo materno que se estabelece a partir desta relação poderia ser a responsável por esta escolha.

Uma das principais teorias que levantam a relevância da relação mãe-filho é a Teoria do Apego ou teoria da vinculação elaborada pelo psicólogo e psicanalista britânico John Bowlby (1907-1990). As bases teóricas desta teoria foram construídas com base nos campos da psicanálise, biologia evolucionária, etologia, psicologia do desenvolvimento, ciências cognitivas e teoria dos sistemas de controle a partir de seus estudos sobre o efeito do cuidado materno sobre as crianças nos primeiros anos de vida.

De acordo com esta teoria, apego significa um vínculo afetivo ou ligação entre um indivíduo e uma figura de apego, geralmente a mãe, ou qualquer outra figura que desempenha o papel de cuidador. Entre uma criança e um cuidador o vínculo ou apego estão baseados nas necessidades de segurança e proteção da criança, fundamentais durante a infância. A teoria propõe que crianças se apegam instintivamente a quem cuide delas, com a finalidade de sobreviver, incluindo o desenvolvimento físico, social e emocional. A meta biológica é a sobrevivência, e a meta psicológica é a segurança.

O comportamento de apego é visto como aquilo que ocorre quando são ativados certos sistemas comportamentais. Acredita-se que os próprios sistemas comportamentais se desenvolvem no bebê como resultado de sua interação com o seu meio ambiente de adaptabilidade evolutiva e, em especial, de sua interação com a principal figura nesse meio ambiente, ou seja, a mãe (BOLWBY, 1969, p. 194).

Desta forma, o autor evidencia, portanto, a importância salutar que a figura materna desempenha no desenvolvimento físico, social, emocional e psicológico da criança, e embora a teoria tenha se debruçado em sua maior parte na relação desempenhada durante a infância, estudos posteriores (principalmente os estudos da psicanalista, também norte-americana, Mary Ainsworth (1913-1999) estenderam este padrão de comportamentos para outras fases da vida, porém o curso que adota durante estes anos subsequentes não se encontra bem definido.

Embora seja especialmente evidente durante os primeiros anos da infância, sustenta-se que o comportamento de ligação caracteriza os seres humanos do berço à sepultura. Inclui o choro e o chamamento, que suscitam cuidados e desvelos, o seguimento e o apego, e também os vigorosos protestos se uma criança ficar sozinha ou na companhia de estranhos. Com a idade, a frequência e intensidade com que esse comportamento se manifesta diminuem gradativamente. No entanto, todas essas formas de comportamento persistem como parte importante do equipamento comportamental do homem. Nos adultos, elas são especialmente evidentes quando uma pessoa está consternada, doente ou assustada (BOWLBY, 2001, p. 171).

A partir desta teoria, onde a base para a formação dos laços afetivos se encontraria nas experiências da infância, especialmente no contato com um cuidador, o tipo de apego ou vínculo desenvolvido na fase adulta poderia ser o resultado dos vínculos afetivos desenvolvidos nesta primeira fase da vida.

Seguindo este pensamento, Ainsworth (1978, apud DALBEN e DELL'AGLIO, 2005) desenvolveu um sistema de avaliação do relacionamento mãe-bebê, a partir de observações desse tipo de interação, chegando à identificação de dois grandes grupos de estilo de apego: os seguros e os inseguros. Enquanto as crianças identificadas como sendo de padrão seguro seriam caracterizadas pela confiança na exploração do ambiente e usavam seus cuidadores como uma base segura de exploração, as crianças categorizadas como padrão inseguro tinham em comum baixa exploração do ambiente e pouca ou intensa interação com suas mães (DALBEN e DELL'AGLIO, 2005).

Segundo a autora, os adultos que na infância experienciaram uma relação de apego seguro com seus cuidadores, especialmente, com a figura materna,

tenderiam a ter opiniões positivas sobre si mesmas e sobre seus pares, bem como sentirem-se mais seguras e aptas a lidar com as adversidades da vida, ao longo do ciclo vital. Aqueles adultos que tiveram uma base caracterizada pelas condições do apego inseguro, porém, vivenciarão inseguranças, medos e frustrações de modos menos adaptativos, e mais evitativos com as outras pessoas.

Pontuados esses itens, de forma breve e sucinta, é possível que os padrões de apego vivenciados pelos indivíduos LGBTs em sua infância, possam estar na base de construção da hipótese de que seria a mãe o primeiro membro da família para o qual o indivíduo homossexual direcionaria o seu processo de revelação.

#### **2.4 Os estágios do luto na perspectiva de Elizabeth Kubler-Ross**

Ao se deparar com o tema da morte e, posteriormente, com o luto resultante dessa perda, é natural que as pessoas experienciem uma vasta gama de sentimentos e emoções, bem como o surgimento de inúmeras perguntas. Por essas e outras inquietações a psiquiatra e escritora suíça Elizabeth Kübler-Ross (1926-2004) desenvolveu a partir de pesquisa com pacientes fora de possibilidades terapêuticas no leito de um hospital norte americano, ouvindo suas agonias, expectativas e frustrações, um modelo que descreve as reações ou estágios diante da notícia de sua morte ou da brevidade dos seus dias. Este modelo foi utilizado mais tarde para exemplificar não só as etapas do luto quando se refere à morte física do corpo, mas também quando se vivencia experiências de perda - real ou simbólica - com grande impacto emocional.

Segundo a autora o primeiro estágio vivenciado diante de uma notícia de grande impacto emocional seria a *negação*, uma defesa psíquica que faz com que o indivíduo acabe negando o problema na tentativa de encontrar algum jeito de não entrar em contato com a realidade. É comum a pessoa que se encontra neste primeiro estágio também não querer falar sobre o assunto; pode não acreditar na informação que está recebendo, tente esquecê-la, ou ainda buscar provas ou argumentos de que aquilo não é a realidade.

Kübler-Ross (1998, p. 43) afirma que ao tomar conhecimento de sua doença, a maioria dos pacientes reagia imediatamente com a seguinte frase: “Não, eu não, não pode ser verdade”. Entretanto, este primeiro estágio, comumente seria uma

defesa temporária: A negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais.

Vivenciado o primeiro estágio, uma nova reação se manifesta; este segundo estágio seria a *raiva*, na qual o indivíduo se revolta com o mundo, se sente injustiçado, não se conforma por estar passando por aquilo e a negação é substituída pelo 'por que justo comigo?'. Esta raiva se propagaria em todas as direções e se projetaria no ambiente sem razões plausíveis.

O terceiro estágio, o da *barganha ou negociação*, é segundo a autora, o menos conhecido, mas igualmente útil ao indivíduo. Nesta fase busca-se fazer algum tipo de acordo para que as coisas possam voltar a ser como antes. Essa negociação geralmente acontece dentro do próprio indivíduo, em segredo, ditas nas entrelinhas; a maioria das barganhas são feitas com Deus ou voltadas para algum tipo de religiosidade. Promessas, pactos e outros similares são muito comuns nesta fase. Psicologicamente, as promessas estariam associadas a uma culpa recôndita (KUBLER-ROSS, 1998).

Quando o indivíduo não pode mais negar a informação dolorosa seu alheamento, sua revolta, raiva, dão lugar a um sentimento de grande perda e de profundo sofrimento. Instala-se o estágio da *depressão*. Tristeza, desolamento, culpa, desesperança e medo são emoções bastante comuns. O indivíduo geralmente se isola ou comporta-se de maneira autodestrutiva.

Seguido a este estágio de *depressão*, quando o indivíduo tiver recebido alguma ajuda para superar a dor ou a perda - real ou simbólica -, quando não mais sentir depressão nem raiva quanto à notícia, quando tiver podido externar seus sentimentos e as emoções não estiverem mais tão à flor da pele e a pessoa se prontificar a enfrentar a situação com consciência das suas possibilidades e limitações, percebe-se e vivencia-se uma *aceitação* do rumo das coisas.

Entretanto, a autora ressalta que: "não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado (...)" (KUBLER-ROSS, 1998, p. 118). Porém, ela ressalta ainda que alguns indivíduos lutam até o fim, debatem-se e agarram-se à esperança, tornando impossível atingir este estágio de aceitação.

Estes diferentes estágios pelos quais as pessoas passam ao se defrontarem com notícias trágicas não se dão de maneira linear ou invariável: elas podem superar uma fase, mas depois retornar a ela (ir e vir), estacionar em uma delas, uma poderá substituir a outra ou se encontrarem, às vezes, lado a lado, ou ainda suplantar todas as fases rapidamente até a aceitação. Não há regra. Tudo depende do histórico de experiências da pessoa e crenças que ela tem sobre si mesma e sobre a situação em questão. Haverá aquelas que passarão meses ou ano e não chegarem nunca à aceitação, ou outros que em poucas horas ou dias farão todo o processo.

Por fim, Kubler- Ross (1998) ressalta que a única coisa que geralmente persiste em todos estes cinco estágios é a esperança; sensação esta, que todos os pacientes da pesquisa que embasaram o desenvolvimento da sua teoria conservaram e que serviu de conforto em ocasiões especialmente difíceis no decorrer do processo.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Quanto à finalidade metodológica, esta pesquisa define-se inicialmente como pesquisa básica que, segundo Gil (2010) é aquela em que o propósito é preencher uma lacuna no conhecimento sobre determinado assunto, o que por sua vez, não exclui a possibilidade de que ao final da pesquisa esta venha a ser utilizada com a finalidade de contribuir para a solução de problemas de ordem prática, como por exemplo, a partir do conhecimento a ser investigado, serem pensadas pontualmente algumas técnicas de intervenções psicoterapêuticas na lida com os indivíduos que vivenciaram esta mesma situação.

Quanto à Natureza/Abordagem da Pesquisa, esta se classifica como Pesquisa Qualitativa; preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GIL, 2010).

Quanto ao objetivo metodológico, esta se define como uma pesquisa exploratória, visto que conforme pontua Gil (2010, p. 45), “esta modalidade de pesquisa objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, ou ainda “o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Sendo, assim, a forma mais indicada para a compreensão do fenômeno a ser investigado nesta pesquisa.

Quanto ao procedimento metodológico esta pesquisa caracteriza-se como Estudo de Caso, logo, conforme Gil (2010, p. 58) citando Young (1960), este procedimento metodológico enquanto método de pesquisa é:

(...) um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação.

O mesmo autor considera ainda que a maior utilidade do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias, por sua flexibilidade de planejamento, pela ênfase na totalidade, onde o pesquisador volta-se para a multiplicidade de dimensões do problema, focalizando-o como um todo. Embora o mesmo alerte ainda que há uma dificuldade de generalizações dos resultados a partir deste procedimento, afirmando que o propósito do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso sobre algo, mas de proporcionar uma visão

global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados (GIL, 2010).

O objeto de estudo utilizado para esta pesquisa foi uma única mãe que vivenciou a revelação da homossexualidade por parte do filho homossexual. A seleção destas mães se daria, inicialmente, por meio de demandas que foram atendidas pelo SEPSI - Serviço de Psicologia, do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA e que estivessem relacionadas ou não ao fenômeno que pretendia se pesquisar, mas que fora dito em algum momento da existência do tema, durante o atendimento prestado.

Entretanto, não foi possível captar o número desejado por este método. Desta forma, a amostra utilizada pela pesquisa, constituída por um único sujeito, foi obtida a partir de indicação de uma das estagiárias do serviço. Foi realizado contato via ligação telefônica pela estagiária que a indicou, momento em que foi explanado para ela sobre os objetivos da pesquisa, de forma franca, respeitosa e transparente, bem como fora questionado a ela do seu interesse em participar do estudo.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa e em razão da indisponibilidade de um maior número de mães a partir do modo de seleção pretendido, optou-se pela utilização de uma amostra composta por uma única mãe, no qual o foco está na compreensão e no conhecimento de sua subjetividade e experiência no tocante à temática pesquisada.

A realização da pesquisa ocorreu no Serviço de Psicologia – SEPSI do Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA. A escolha deste local deu-se pela neutralidade e pela estrutura do ambiente, propício para a aplicação da metodologia utilizada. Após apreciação do Comitê de Ética, conforme previsto na Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, e autorização para realização da pesquisa sob o número do Parecer: 2.003.297, a coleta de dados se procedeu em um prazo de 3 encontros presenciais de cerca de 60 minutos cada, ocorridos em dias intercalados, conforme a disponibilidade de horário da entrevistada.

O critério de inclusão adotado para esta pesquisa foi aquele relacionado diretamente ao objeto de estudo que se pretendia pesquisar: mãe que possua filho homossexual assumido, independente de idade, religião ou outras variáveis

socioeconômicas. Dentro deste critério de inclusão não foram especificadas quaisquer outras variáveis que pudessem inviabilizar a pesquisa, tais como, se a mãe participasse ou não de movimentos pró ou contra a luta LGBT, por exemplo. A mãe entrevistada foi contatada conforme descrito no projeto previamente analisado e confirmado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, seguindo as normas previstas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi uma entrevista semiestruturada realizada durante 3 encontros presenciais. A definição exata do número de encontros foi realizada de acordo com o desenvolvimento do processo e levando-se em consideração a disponibilidade de tempo da entrevistada. A construção da entrevista deu-se de forma livremente construída em conjunto com a orientadora da pesquisa, sem pré-teste.

A entrevista semiestruturada e a obtenção dos dados da pesquisa ocorreram da seguinte forma: no primeiro encontro - em 12 de agosto de 2017 - devido a um atraso da mãe por problemas de localização do SEPSI, foi explanado para ela apenas a partir da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, dos objetivos da pesquisa, bem como dos riscos, benefícios e da sua concordância em participar da pesquisa. No segundo encontro - ocorrido em 15 de agosto de 2017 - conforme combinado, foram levantados os dados sociodemográficos e colhida a história da vida da participante, em seguida foi lançada a pergunta que norteou a pesquisa: 'como você tomou conhecimento da homossexualidade de seu filho e como você lidou com essa revelação?'. Neste encontro pretendeu-se, além de se obterem os dados necessários para a realização da pesquisa, oferecer à participante um momento de escuta qualificada acerca dessa vivência que na maioria das vezes fica limitada ao seu mundo interno ou, no máximo, no ciclo familiar mais íntimo.

O terceiro encontro, ocorrido em 3 de outubro de 2017, foi realizado, conforme sugestão dela, na sala de reunião de seu trabalho, após um período de mais de 45 dias devido a uma viagem da mãe pesquisada e devido a sua indisponibilidade de tempo para se deslocar até o SEPSI. Neste último encontro foi questionado como ela havia se sentido ao relatar sua experiência e relembrar esse momento da sua vida, bem como conhecer maiores detalhes da sua experiência de convivência com o filho homossexual.

Os dados obtidos a partir da aplicação da entrevista semiestruturada foram analisados apoiando-se na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2009). A Análise de Conteúdo é uma técnica que se utiliza da palavra, admitindo de forma objetiva e prática a produção de inferências acerca do conteúdo da comunicação de um texto contestável ao seu contexto social (BARDIN, 2009).

Nesta perspectiva, o texto apresenta-se como um veículo de declaração, no qual a pessoa que está analisando o conteúdo (materialidade linguística) busca a categorização para sua interpretação. Este processo é entendido, portanto, como uma técnica ou um conjunto de procedimentos metodológicos, que servem para descrever, analisar e interpretar as informações presentes em documentos com diferentes formatos: oral, escrito, imagético, gestual e comportamento.

O método apresenta cinco etapas e estas foram utilizadas para a análise do conteúdo emitido pela mãe entrevistada, decorrente da aplicação da entrevista: 1) a organização da análise; 2) a codificação; 3) a categorização; 4) a inferência; e 5) o tratamento informativo (BARDIN, 2009). Para tanto, a autora descreve, analisa e interpreta as mensagens de todas as formas de discurso, buscando ver o que está por trás das palavras e, por isso, foram construídas categorias de análise pautadas na dedução, ou seja, na inferência a partir dos dados coletados em cada encontro e que tivessem relação com o tema pesquisado.

Para a primeira e segunda etapa da análise foram transcritas as respostas dadas pela mãe entrevistada a fim de codificar tais informações; ou seja, a narrativa da mãe entrevistada foi disposta em formato de um texto escrito, com a intenção de serem identificados os conteúdos a considerar como unidades de análise; em seguida as respostas foram categorizadas (categorização), conforme seu conteúdo explícito e sua similaridade com os sentimentos e atitudes que permeiam a teoria de Kubler-Ross (1998), sendo assim interpretadas e realizadas a seguir, as inferências cabíveis e pertinentes com os objetivos desta pesquisa.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A mãe entrevistada possui 55 anos de idade, ensino superior incompleto, servidora pública federal, religião católica, mas segundo ela com criação em um lar espírita (*sic*); legalmente viúva do primeiro marido; após o primeiro relacionamento com o qual teve os dois primeiros filhos (um casal), teve outro marido com o qual morou junto por 17 anos, e teve mais dois filhos, sendo gêmeos; mora em Palmas desde 2017, com um dos filhos gêmeos, que é homossexual assumido.

Após coletados os dados sociodemográficos (idade, estado civil, profissão, religião, escolaridade), iniciamos o segundo encontro com a sugestão que ela me contasse um pouco da sua história de vida. A entrevistada relatou que teve uma infância de muita pobreza e sofrimento no interior de uma cidade do Nordeste, foi mãe aos 18 anos, e sempre foi muito trabalhadora e honesta. Antes mesmo que eu perguntasse a respeito de como ela tomou conhecimento da homossexualidade do filho e como lidou com a situação, ela disse-me que eu não me sentisse constrangido em perguntar sobre isso porque ela lidava bem com essa questão e não teria problema algum em me contar sobre isso.

A mãe entrevistada tomou conhecimento da homossexualidade do filho de forma arbitrária e abrupta: o filho, então com 18 anos, estava discutindo com um rapaz da vizinhança por um motivo qualquer, e quando a mãe foi interferir na discussão, o outro rapaz a adverte que ela o protege demais e que todos na vizinhança sabiam que ele era gay; a mãe o pega pelo braço e estando dentro de casa pergunta ao filho se aquilo era verdade, ao que ele confirma que sim.

Tendo em vista o estigma social associado à homossexualidade, a emergência de atitudes anti-homossexuais na cultura e a possibilidade de perder amigos e familiares, o processo de revelação da homossexualidade nem sempre é recebido com entusiasmo, particularmente em contextos nos quais esta é um assunto tabu que não deve nem mesmo ser comentado (DRESCHER, 2014). Tal afirmativa, relacionada ao tratamento da homossexualidade no âmbito familiar, se confirma a partir do relato coletado na pesquisa (transcrição do relato em anexo), onde o assunto homossexualidade, embora fizesse parte das suspeitas da mãe e da família, até o momento da revelação sequer havia sido mencionado ou discutido por qualquer um dos seus membros.

“Desde pequeno eu já percebia que ele era diferente do outro irmão que é gêmeo, mas eu nunca fiz e nem permiti que houvesse qualquer distinção entre eles! (...) quando eu contei para os outros irmãos dele que já estavam todos morando fora de casa, tinham suas casas, suas famílias, todos me disseram que na verdade já sabiam da homossexualidade do irmão, e que eu também já sabia, mas não queria aceitar!”

Conforme teoriza Modesto (2015), a experiência materna/paterna diante da revelação da conduta homossexual pode variar consideravelmente; do mesmo modo que pais e mães são totalmente diferentes uns dos outros, suas famílias e experiências de vida também serão distintas umas das outras, bem como distintos também serão seus filhos homossexuais. Entretanto, na imensa maioria das vezes o que se assiste é um longo e doloroso processo no difícil caminho rumo à aceitação do(a) filho (a).

Conveniente ressaltar que a correlação entre a experiência materna e a teoria de Kubler-Ross (1988) a respeito do luto é perfeitamente cabível neste caso, visto que a própria entrevistada afirmou que ao tomar conhecimento, de fato, da homossexualidade do filho, teve que viver um luto do filho que ela havia planejado:

“Eu sofri muito no início porque toda mãe sonha em ver o filho crescer, se formar, casar, ter sua família, e quando ele me contou que era gay eu perdi essa esperança porque quando se é gay, essa possibilidade diminui bastante! Eu tive que viver uma espécie de luto!”

Deste modo, conforme argumentado por Modesto (2015), a revelação da homossexualidade normalmente é um processo permeado inicialmente por sentimentos de tristeza, frustração, decepção, desespero, culpa, confusão, dentre outros causadores de intenso sofrimento. Pontue-se ainda que tais sentimentos poderão vir à tona em diversos outros momentos, como por exemplo, rodas de conversas no trabalho, no grupo de amigos, ou ainda em contextos nos quais esse assunto surgir novamente até mesmo de forma desproposita.

Tomando como ponto de partida a teoria proposta por Kubler-Ross (1998), presume-se que, invariavelmente, a primeira reação diante do conhecimento de que o filho é homossexual seria a negação, ou seja, a reação mais provável da mãe seria a frase: “não, isso não pode ser verdade”. Conforme pôde ser observado, a partir da resposta dada pela mãe entrevistada, o processo definido como negação, que teoricamente ocorreria nos instantes após tomar conhecimento da notícia, na realidade já vinha ocorrendo há muito tempo:

“Desde pequeno eu já percebia que ele era diferente do outro irmão que é gêmeo, mas eu nunca fiz e nem permiti que houvesse qualquer distinção entre eles!”

Compreende-se, desta forma, que o mecanismo de negação, descrito por Kubler-Ross (1998) anteriormente como sendo uma defesa psíquica que faz com que o indivíduo negue o problema na tentativa de encontrar algum jeito de não entrar em contato com a realidade foi utilizado como estratégia defensiva ao longo de vários anos, e não somente ao entrar em contato, de fato, com o momento da revelação feita pelo filho.

Embora tenha afirmado que sofreu bastante com a revelação da homossexualidade do filho, não se pode afirmar com convicção que a mãe tenha permanecido por algum tempo no estágio da raiva, logo, segundo Kubler-Ross (1998), este estágio ocorreria normalmente quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação; a afirmativa “isso não pode ser verdade!” seria substituída pela pergunta “por que eu?”. O indivíduo estacionado nesta fase experimenta sentimentos de raiva, revolta, de inveja e de ressentimento (KUBLER-ROSS, 1998, p. 55).

Não obstante a mãe tenha buscado conforto na sua fé e na visão racional que a doutrina religiosa à qual ela refere ter sido criada apresenta para a homossexualidade, não se pode concluir pontualmente que houve um processo de barganha logo após a revelação:

“Por ter uma educação espírita<sup>3</sup> e crescer dentro dos ensinamentos da doutrina eu sei que isso é uma forma dele passar por algumas provas e expiações, e em nenhum momento eu culpei Deus por ele ser gay, pelo contrário, eu sempre pedi forças a Deus para que ele me ajudasse a enfrentar o sofrimento e a proteger o meu filho porque o preconceito é muito grande!”.

Deste modo, tal processo poderia ocorrer, por exemplo, caso a mãe tivesse se proposto fazer algo ou passar a apresentar qualquer comportamento que antes

---

<sup>3</sup> Conforme a Doutrina Espírita, e mais especialmente, segundo o autor Andrei Moreira (2012) haveria cinco possíveis razões para explicar a experiência homossexual: 1) consequência natural do reflexo mental e emocional na vivência no mesmo sexo biológico por muitas encarnações; 2) condição facilitadora da execução de determinadas missões espirituais; 3) situação de prova ou expiação decorrente do abuso das faculdades sexuais e do sentimento alheio; 4) reflexo mental decorrente de situações obsessivas; 5) condição reativa decorrente de processo educacional atual e/ou de traumas infantoadolescentes. Em todos os casos a Doutrina Espírita orienta que estes indivíduos não sejam julgados por sua condição sexual, mas que sejam acolhidos e respeitados em suas singularidades; devendo estes se respeitarem e não se entregarem a práticas sexuais desregradas e perturbadoras, contribuindo assim para sua marcha evolutiva, rumo ao progresso espiritual ensinado pela Doutrina.

não possuía a fim de que o impacto dessa revelação pudesse de alguma forma ser amenizado, todavia, embora ela estivesse em sofrimento, ela encarou a situação de frente e buscou se adaptar a esta nova realidade. Entretanto, nuances desta fase, marcadas segundo a autora, por uma tentativa de adiamento do contato com a realidade explícita, e psicologicamente podendo estar associada a uma culpa recôndita puderam ser observados no seguinte trecho:

“Confesso que quando ele era mais jovem e eu percebia que ele era diferente, eu ficava muito alegre quando via ele com uma namorada! eu tinha esperança que fosse só uma fase (...).”

Percebe-se, portanto, um misto de negação e barganha atuantes no universo psicológico desta mãe, durante diversos momentos de sua vida e antes da revelação de fato, ocorrida aos 18 anos do filho.

O dia e o momento exato da revelação da homossexualidade pelo filho foram um marco na vida desta mãe, pois ao narrar este momento ela ficou visivelmente emocionada e lágrimas escorreram por seu rosto. Esta reação corrobora com os teóricos utilizados anteriormente (MODESTO, 2015; MOTT, 2008; DRESCHER, 20014) que afirmam claramente que ao tomarem conhecimento da homossexualidade as reações mais prováveis são o choque, o terror, a tristeza, a culpa, o desespero, a frustração, dentre outros igualmente demasiadamente impactantes emocionalmente:

“Meu mundo caiu naquele momento (...). Eu sofri muito no início.”

Apesar da tristeza e sofrimento relatados, sentimentos associados ao estágio da depressão, no qual, segundo Kubler-Ross (1998), a pessoa se retira para seu mundo interno, se isolando, melancólica e se sentindo impotente diante da situação, a mãe não mencionou ter vivenciado esta etapa de modo pontual e longo. Pelo contrário, afirmou ter passado por tudo isso sem se deixar sucumbir a este doloroso estágio:

“(...) Eu sempre pedi forças a Deus para que ele me ajudasse a enfrentar o sofrimento e a proteger o meu filho porque o preconceito é muito grande!”

Por fim, quando a pessoa em sofrimento tiver tido tempo necessário para elaborar a notícia, quando tiver recebido alguma ajuda para superar a situação, quando tiver podido externar seus sentimentos, a autora pontua que se atinge, normalmente, um estágio em que não mais sentirá raiva ou depressão e começa a

enxergar a realidade como realmente é, tem-se, finalmente, o estágio da aceitação, ao qual pode ser constatado nas seguintes falas:

“(...) Hoje eu sei que o meu filho é homo, ele já nasceu homo(…)”

‘Hoje eu aceito e convivo muito bem com ele, às vezes deixo ele levar namorado para casa, dormir lá em casa, assistir tv com a gente, mas não é sempre que isso acontece! Não tenho esperanças que ele volte a ser hétero, não sofro mais por isso, mas também não aceito que ninguém fale mal dele;’

‘Apesar de tudo isso essa mãe aqui ama esse filho você pode ter certeza disso! Hoje eu não tenho mais desconforto em falar sobre isso, (...)’.

Entretanto, importante ressaltar que quando a mãe refere que a única coisa que não gosta é quando o filho ou os amigos do filho fazem alguma ‘gayzisse’ fica evidente que embora haja em sua fala uma aceitação da homossexualidade, há alguns preconceitos e estigmas, ou ainda desconhecimento acerca da complexidade da identidade homossexual, bastantes presentes no horizonte de valores desta mãe, o que nos induz a acreditar que não houve, de fato, uma aceitação plena da orientação sexual do filho e de tudo aquilo que permeia a existência do indivíduo homossexual:

“Agora tem uma coisa que eu não aceito de jeito nenhum: eu não gosto de ‘gayzisse’, de trejeitos, de afeminado! Gay é homem que gosta de homem! Porque que tem que ficar com jeito de mulher? nem mulher é assim! (...) Eu queria saber por que eles têm essas coisas? Eles são homens e pronto!”

Pontue-se ainda que, conforme teorizado por Prado e Machado (2008), toda forma de sexualidade e modos de ser que não estejam em consonância com a heterossexualidade são passíveis de estigmatização, e conseqüentemente de preconceito. A questão dos trejeitos do filho e dos amigos, levantadas pela mãe e definidos por ela como ‘gayzisse’, confirmam o que Assis (2005, apud BENTO e MATÃO, 2012) teoriza quando diz que ao homossexual é dado direito de existir, mas dentro de determinados limites: ele pode deixar de se enquadrar nos padrões heterossexuais, mas não tem a liberdade de construir a própria sexualidade vivenciando, explicitamente, comportamentos ditos aos homossexuais.

Além disso, Kubler-Ross (1998) reitera que os diferentes estágios pelos quais a pessoa passa ao se defrontarem com notícias trágicas e dolorosas não acontecem de forma linear e pontual, pelo contrário: eles podem ter duração variável, um substituir o outro, encontrarem-se lado a lado, ou conforme pode ser analisado neste

trecho trazido pela mãe, um estágio de aceitação ser vez ou outro substituído novamente ou estar ocorrendo concomitante a um estágio de negação parcial.

Outra atitude bastante marcante no relato da mãe entrevistada é o receio da violência a qual o filho poderia ser submetido pelo simples fato de ser homossexual; o que confirma com as teorias abordadas anteriormente (MODESTO, 2015; MOTT, 2008; OLIVEIRA, 2011) e no tocante aos índices alarmantes de homofobia a qual se noticia rotineiramente na mídia:

“Meu maior medo é a violência, a promiscuidade e as drogas! Eu sempre falo para ele se cuidar, se proteger, se respeitar!”

Além do receio da violência, existe ainda no olhar dessa mãe a questão das drogas e da promiscuidade, que embora não se possa afirmar reiteradamente que existam apenas por ser o filho homossexual, compreende-se que este temor possa estar relacionado à visão distorcida que perdurou por longos anos, e ainda está presente no inconsciente coletivo, na qual se associava a homossexualidade a desvio sexual, promiscuidade, falhas de caráter, dentre outros adjetivos de cunho pejorativo.

Outro ponto abordado no relato é o que Mott (2008) leciona como homofobia cultural, logo quando a mãe exemplifica o caso de colegas de trabalho não serem promovidos simplesmente por possuírem orientação sexual homossexual. O relato da mãe corrobora com a teoria de que a sociedade heterossexista a partir dos seus discursos e retóricas sobre o gênero, a tradição ou a moralidade, tentam manter os estatutos tanto do grupo dominante como do grupo desviante. Aos primeiros é permitido certas vantagens e benefícios por estarem dentro da ordem dominante; aos segundos lhes são negados, impedidos ou limitados tais benefícios a fim de que os mesmos permaneçam em suas devidas posições inferiorizadas nas instituições e na vida social (POESCHL et al, 2012):

“No trabalho mesmo eu já vi várias coisas de preconceito contra homo, já vi homos que são excelentes profissionais, trabalhadores, competentes, mas na hora de uma ascensão na carreira eles eram passados para trás por héteros babacas, idiotas e incompetentes simplesmente pela opção sexual; eu já ouvi eles dizerem que quando um gay é chefe é só ir lá e comer a bunda dele que consegue as coisas!”

Portanto, a visão desta mãe é ainda impregnada, de certo modo, daquilo que se convencionou delegar e atribuir por muitos anos aos indivíduos homossexuais,

exclusivamente pela orientação sexual, conferindo a eles lugares de invisibilidade e inferiorização, conforme abordados ao longo deste trabalho.

Ademais, no que concerne à Teoria do Apego, teorizada por Bowlby (2001), devido à forma abrupta e arbitrária como se deu a revelação, não sendo esta, de forma inicialmente voluntária, optou-se por não tecer considerações que pudessem assegurar a hipótese de ser a mãe a escolhida como o receptáculo da notícia devido às experiências de apego desenvolvidas pelos envolvidos quando na primeira infância do filho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visualizado no decorrer deste estudo, principalmente nos resultados e análises da pesquisa, é possível concluir que a questão da homossexualidade ainda é tabu em nossa sociedade. Embora tenha deixado de ser considerada um desvio da sexualidade, uma doença, ou patologia mental, esta condição ainda é tratada com pré-conceitos e ideias que durante longos anos, ao longo da história da humanidade, foram construídas e arraigadas no imaginário popular, sendo bastante complexa a sua superação.

Análises tecidas ao longo desse estudo nos permitem verificar que existem sentimentos, comportamentos, atitudes e emoções vivenciados por esta mãe, compatíveis com a proposta teórica dos estágios do luto de Elizabeth Kubler-Ross. Embora o caso abordado neste trabalho guarde suas singularidades e especificidades, pode-se perceber que cada um dos estágios foi experienciado, de forma pontual ou sutil, por esta mãe, confirmando que a experiência materna diante da revelação homossexual masculina, é ainda um fenômeno cercado de tabus e preconceitos e, não obstante, pode ser considerada uma notícia adversa e dolorosa.

Entendemos que este estudo contribui para a compreensão deste fenômeno para além das questões que se apresentaram neste caso em específico; muitas das verificações aqui abordadas, conforme confirmadas pelos autores utilizados, guardam inúmeras semelhanças com diversos outros casos, que certamente ocorrem diariamente em muitos lares brasileiros, e igualmente marcados por dor, sofrimento e necessidade de acolhimento e compreensão.

A Psicologia, enquanto ciência e profissão que trabalha e discute as questões que afetam e produzem a existência subjetiva humana, necessita aprofundar suas práticas e postulados teóricos no sentido de estabelecer maior proximidade com essas temáticas arraigadas e produtoras de violência e sofrimento humanos, tais como a questão LGBT, dentre outras.

Espera-se que os serviços-escolas de Psicologia, a exemplo do utilizado neste estudo, desenvolvam estratégias, projetos ou até mesmo um grupo de acolhimento para o público específico LGBT, bem como para seus familiares, a fim de oferecer acolhimento, compreensão e abrigo às demandas subjetivas que surgem no limiar da ocorrência deste fenômeno.

Por fim, sugere-se que estudos que trabalhem a homossexualidade, não apenas do ponto de vista materno, mas por diversos outros prismas, sejam realizados com mais frequência e regularidade, a fim de que este delicado fenômeno possa ser discutido e tratado com naturalidade e desprovido de tamanho preconceito e estigmatização.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BENTO, L. M.; MATÃO, M. E. L. Homossexualidade Processo de Revelação da Sexualidade - uma experiência homossexual. **Revista Estudos, Vida e Saúde**. v. 39, n. 4. 2012. Disponível em: <http://www.seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/264>. Acesso em 20 Ago 2017.

BOWLBY, J. **Apego e perda: Apego - A natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, vol. 1.1969/1990.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. Diário da Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei Nº 4.931, de 2016**. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD0020160426000610000.PDF#page=86>. Acesso em 26 Set 2017.

COHEN, K. M.; SAVIN-WILLIAMS, R. C. "Saindo do armário" para si mesmo e para os outros. Em: LEVOUNIS, P. et al. (Org.) **O livro de casos clínicos GLBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DALBEN, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, jun. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 16 Nov. 2017.

DRESCHER, J. O que tem em seu armário? Em: LEVOUNIS, P. et al. (Org.) **O livro de casos clínicos GLBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAUER, M.; GUIMARAES, R. S. de. Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. **Temas em psicologia**. [online]. 2015, vol.23, n.3, p. 649-662. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 Jun 2016.

KUBLER-ROSS E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 1998.

LEVOUNIS, P. et al. (Org.) **O livro de casos clínicos GLBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MODESTO, E. **Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos LGBTs**. Campinas: Editora Papel Social, 2015.

MOREIRA, Andrei. **Homossexualidade sob a ótica do Espírito Imortal**. São Paulo: AME, 2012.

MOTT, L. R. de B. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Records, 2008.

OLIVEIRA, R. F. de. **Homossexualidade: uma visão mitológica, religiosa, filosófica e jurídica**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

POESCHL, G. ; VENANCIO, J. ; COSTA, D. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. **Psicologia**, Lisboa, v. 26, n. 1, p. 33-53, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492012000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 Ago. 2017.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008 (Coleção Preconceitos; v. 5).

## APÉNDICES

## TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante...

Eu, Ulisses Franklin Carvalho da Cunha, estudante do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA estou realizando uma pesquisa intitulada “**A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DA REVELAÇÃO HOMOSSEXUAL MASCULINA: um estudo de caso**” sob supervisão da prof. Dra. Irenides Teixeira. O objetivo desta pesquisa é conhecer/compreender a experiência materna vivenciada diante da revelação da homossexualidade masculina estabelecendo, se possível, uma correlação com os estágios do luto (ou de notícias dolorosas) teorizados por Elizabeth Kübler-Ross.

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa. Sua participação envolve responder a uma entrevista semiestruturada contendo perguntas relacionadas à sua vida pessoal e ao tema desta pesquisa, a ser realizada no Serviço de Psicologia – SEPSI, em um prazo entre 03 e 05 encontros intercalados de aproximadamente 60 minutos cada.

A participação nesse estudo é voluntária, todavia, sugere-se que a mãe participante obterá como benefício da participação da pesquisa a oferta gratuita de um momento de escuta executada por estagiário/pesquisador apto a ouvi-la sem preconceitos, pré-julgamentos, e com plena aceitação de qualquer conteúdo que a mesma trazer para o espaço de realização da pesquisa, além disso, fica assegurado que diante de eventuais danos emocionais decorrentes da pesquisa ou em caso da participante sentir-se constrangida ou relatar ter tido invadida sua privacidade esta será ressarcida emocionalmente com a oferta gratuita de serviço de acompanhamento psicológico a ser realizado no próprio SEPSI.

Não há nenhum tipo de remuneração pela sua participação nesta pesquisa, pois se trata de uma ação voluntária, logo, você pode a qualquer momento se negar a participar da pesquisa e pedir que suas informações sejam retiradas do material produzido.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, através do fone (63)99246-9585 ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa, no fone (63)3219-8076.

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

---

Nome e assinatura da participante

---

Local e data

---

Ulisses Franklin Carvalho da Cunha  
Acadêmico/Pesquisador

---

Irenides Teixeira  
Professora Supervisora

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA  
PESQUISA

Eu \_\_\_\_\_ após a leitura (ou a escuta da leitura) do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE e ter tido a oportunidade de conversar com o acadêmico/ pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, concordo em participar da pesquisa “A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DA REVELAÇÃO HOMOSSEXUAL MASCULINA: UM ESTUDO DE CASO”, como voluntária. Fui devidamente informada, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Local e data \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Acadêmico/ Pesquisador  
Ulisses Franklin Carvalho da Cunha

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável  
Profa. Doutora Irenides Teixeira

ROTEIRO DE ENTREVISTA  
'A EXPERIÊNCIA MATERNA DIANTE DA REVELAÇÃO HOMOSSEXUAL  
MASCULINA: UM ESTUDO DE CASO'

**1° ENCONTRO**

OBJETIVO: Conhecer o perfil socioeconômico da entrevistada e estabelecer vínculo.

- Após uma breve apresentação do pesquisador e apresentados novamente os objetivos da pesquisa serão levantadas as seguintes informações pessoais da mãe.

1 – DADOS PESSOAIS:

NOME:

IDADE:

ESCOLARIDADE:

OCUPAÇÃO:

RENDA FAMILIAR:

RELIGIÃO:

COMPOSIÇÃO FAMILIAR:

2 – BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DE VIDA DA ENTREVISTADA

*“Gostaria que a senhora me contasse um pouco da sua história de vida!”*

**2 ° ENCONTRO**

OBJETIVO: Levantar os dados centrais da pesquisa a partir da pergunta chave.

*“Agora que já nos conhecemos um pouco, gostaria de saber da senhora como você tomou conhecimento da homossexualidade do seu filho e como você lidou e está lidando com isso!”*

**3° ENCONTRO**

OBJETIVO: Concluir o levantamento dos dados obtidos no encontro anterior, fazer um breve feedback de como a participante se sentiu durante sua narrativa e se for identificado a necessidade de se trabalhar com a mãe sentimentos que para ela foram desconfortáveis, a mãe será encaminhada para psicoterapia no SEPSI.

ANEXOS

## TRANSCRIÇÃO LITERAL DA NARRATIVA DA MÃE ENTREVISTADA NO SEGUNDO ENCONTRO

*Tudo são fases! Desde pequeno eu já percebia que ele era diferente do outro irmão que é gêmeo, mas eu nunca fiz e nem permiti que houvesse qualquer distinção entre eles! Tudo que eu dava para um filho dava para o outro e eles sempre foram muito apegados! Desde muito novo o outro irmão sempre foi muito sem vergonha, pegador, namorador e sempre tinha várias namoradinhas, e o irmão sempre o acompanhava, mas eu percebia que fazia isso mais para acompanhar o irmão; a ideia de ter um irmão gay nessa época era inaceitável; então um dia, quando ele tinha 18 anos, ele estava brigando com um menino na rua e quando eu fui entrar na briga, o menino virou para mim e disse: ‘a senhora sabia que todo mundo sabe que seu filho é gay e só a senhora que não percebe?!’ então eu entrei para dentro de casa e perguntei a ele se ele era gay, e ele responde que sim! Meu mundo caiu naquele momento, mas eu me segurei e disse a ele que continuava amando ele do mesmo jeito, que nada mudaria entre nós, que ele continuava sendo meu filho! Eu tive que me manter firme para protegê-lo porque eu sabia que o restante da família iria cair matando sobre ele, quando na verdade não foi isso que aconteceu: quando eu contei para os outros irmãos dele que já estavam todos morando fora de casa, tinham suas casas, suas famílias, todos me disseram que na verdade já sabiam da homossexualidade do irmão, e que eu também já sabia, mas não queria aceitar! Me deram muito apoio, a mim e ao meu filho, menos o pai que foi muito grosso e prefere não tocar no assunto, já que eles não têm mesmo diálogo! Eles quase nunca se falam mesmo! Confesso que quando ele era mais jovem e eu percebia que ele era diferente, eu ficava muito alegre quando via ele com uma namorada! eu tinha esperança que fosse só uma fase, mas hoje eu sei que não é só uma fase, hoje eu sei que o meu filho é homo, ele já nasceu homo, ele teve várias experiências com mulheres, mas me disse depois que se assumiu que nunca teve atração 100% por mulher, que experimentava mais por causa dos outros! Me disse que quando teve sua primeira experiência com homem aos 16 anos ele se encontrou naquilo e ele teve certeza absoluta que era de homem que ele gostava! Eu sofri muito no início porque toda mãe sonha em ver o filho crescer, se formar, casar, ter sua família, e quando ele me contou que era gay eu perdi essa esperança porque quando se é gay, essa possibilidade diminui bastante! Eu tive que viver uma espécie de luto! Claro que ser só hétero não garante isso, eu sei, mas no mundo gay é mais difícil isso porque há muito preconceito, promiscuidade! Hoje eu aceito e convivo muito bem com ele, às vezes deixo ele levar namorado para casa, dormir lá em casa, assistir tv com a gente, mas não é sempre que isso acontece! Não tenho esperanças que ele volte a ser hétero, não sofro mais por isso, mas também não aceito que ninguém fale mal dele; se alguém fala mal dele eu viro uma loba! Por ter uma educação espírita e crescer dentro dos ensinamentos da doutrina eu sei que isso é uma forma dele passar por algumas provas e expiações, e em nenhum momento eu culpei Deus por ele ser gay, pelo contrário, eu sempre pedi forças a Deus para que ele me ajudasse a enfrentar o sofrimento e a proteger o meu filho porque o preconceito é muito grande! As pessoas são muito hipócritas, elas dizem uma coisa na sua frente, mas por trás elas fazem outra! No trabalho mesmo eu já vi várias coisas de preconceito contra homo, já vi homos que são excelentes profissionais, trabalhadores, competentes, mas na hora de uma ascensão na carreira eles eram*

*passados para trás por héteros babacas, idiotas e incompetentes simplesmente pela opção sexual; eu já ouvi eles dizerem que quando um gay é chefe é só ir lá e comer a bunda dele que consegue as coisas! Meu maior medo é a violência, a promiscuidade e as drogas! Eu sempre falo para ele se cuidar, se proteger, se respeitar! Agora tem uma coisa que eu não aceito de jeito nenhum: eu não gosto de 'gayzisse', de trejeitos, de afeminado! Gay é homem que gosta de homem! Porque que tem que ficar com jeito de mulher? nem mulher é assim! Na minha casa eu recebo todos os amigos dele e eu sempre brigo com eles quando eu vejo eles com muita 'gayzisse' eu só olho para eles com a cara fechada e eles já se concertam na hora! Meu filho mesmo quando eu vejo que está desmunhecando eu já dou logo uma chamada e ele já se conserta! Eu queria saber por que eles têm essas coisas? Eles são homens e pronto! Não precisam ficar com essa mão para lá, para cá, devem se comportar como homens e pronto! Eu saio com eles às vezes, vou a boate gay com eles, e tudo mais para agradar a ele, mas não é muito minha praia! Apesar de tudo isso essa mãe aqui ama esse filho você pode ter certeza disso! Hoje eu não tenho mais desconforto em falar sobre isso, mas no começo foi uma barra, foi muito difícil! Minha meta agora é que ele tenha sua profissão, sua independência, sua vida e que seja feliz! Antes de ser homo ele é gente!*

**RESOLUÇÃO CFP N° 001/99**  
**DE 22 DE MARÇO DE 1999**

**"Estabelece normas de atuação para os psicólogos em  
relação à questão da Orientação Sexual"**

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais e regimentais,

CONSIDERANDO que o psicólogo é um profissional da saúde;

CONSIDERANDO que na prática profissional, independentemente da área em que esteja atuando, o psicólogo é frequentemente interpelado por questões ligadas à sexualidade.

CONSIDERANDO que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade;

CONSIDERANDO que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão;

CONSIDERANDO que há na sociedade, uma inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente;

CONSIDERANDO que a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações;

RESOLVE:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se todas as disposições em contrário.

Brasília, 22 de março de 1999.

**ANA MERCÊS BAHIA BOCK**  
**Conselheira Presidente**